ISSN: 2358-8829

OS NOMES COMO RIO SIMBÓLICO NA CONSTRUÇÃO DA NARRATIVA: ANÁLISE DOS SUBSTANTIVOS ABSTRATOS EM TUDO É RIO, DE CARLA MADEIRA

Matheus Maia Diniz [1]
José Helber Tavares de Araújo [2]

INTRODUÇÃO

O ponto de partida para o desenvolvimento deste artigo foi a constatação, após extensa pesquisa bibliográfica, de que não identificamos estudos sobre *Tudo é rio*, de Carla Madeira, que abordassem de maneira consistente os aspectos gramaticais em foco. A maioria das investigações concentra-se em análises do discurso ou em abordagens psicanalíticas. Contudo, no campo da pesquisa e da análise gramatical — especialmente no que se refere aos substantivos, em particular os abstratos —, identificámos uma lacuna significativa na literatura especializada.

O intuito deste trabalho acadêmico é realizar uma análise ainda inédita dessa bela obra. Propomos utilizar a gramática como ferramenta para caracterizar o uso dos substantivos abstratos. Por meio de observação e análise, buscamos enxergar a obra sob uma perspectiva estrutural, atentando à construção narrativa desenvolvida por Carla Madeira ao longo de sua história.

METODOLOGIA

A construção de significado em *Tudo é rio* caminha lado a lado com o uso expressivo dos substantivos abstratos ao longo da narrativa. Por meio desse recurso gramatical, Carla Madeira expõe as complexidades do ser humano — do abismo moral à possibilidade de redenção emocional. Seus personagens são profundamente marcados por traumas, e tais acontecimentos influenciam a forma como o leitor os percebe. Nesse

[1] Graduando do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB - matheus.diniz@aluno.uepb.edu.br
[2] Professor Doutor do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB - Campus IV, josehelber@servidor.uepb.edu.br

sentido, os substantivos, enquanto nomes que designam os seres e os sentimentos, funcionam como âncoras semânticas da narrativa.

De acordo com Cunha (2008), o substantivo é a classe de palavras que desempenha, por excelência, a função de núcleo do sujeito, bem como de objetos direto, indireto ou agente da passiva. Essa definição, de caráter tradicional, permanece válida; no entanto, é possível ampliá-la para uma perspectiva mais dinâmica, interativa e voltada à construção de sentidos — justamente o foco desta análise. Essa abordagem é desenvolvida por Bezerra (2020) na obra *Análise Linguística: afinal, a que se refere?*, ao propor uma leitura mais reflexiva do funcionamento da língua.

Bezerra e Reinaldo afirmam que "o trabalho com as estruturas da língua, à luz da gramática tradicional, passa a conviver com ensaios e tentativas de ensino abordando outras categorias, advindas de novos campos teóricos" (Bezerra; Reinaldo, 2020, p. 21).

Este trabalho propõe uma breve análise gramatical e sentimental da obra Tudo é Rio, de Carla Madeira, visando traçar uma ponte entre a escolha lexical da autora e a tessitura dramática de sua narrativa. A evolução do substantivo abstratos, nesse contexto, reflete também a evolução dos personagens. A construção de um universo literário denso e verossímil exige o domínio desses mecanismos linguísticos — é preciso saber moldar a gramática ao serviço da intenção estética.

A desenvoltura textual de Carla Madeira revela-se na sua coragem em expor o que há de mais cru e real: violência, vingança, luxúria, depressão, traumas, entre outros. O substantivo, nesse cenário, atua como guia, nomeando e delimitando essas experiências, dando-lhes forma e, por consequência, poder.

Mas primeiro vamos compreender o que seria o tal substantivo e o que ele rege:

> SUBSTANTIVO é a palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral. São, por conseguinte, substantivos, os nomes de pessoas, de lugares, de instituições, de um gênero, de uma espécie. Ou de um dos seus representantes: Os nomes de noções, ações, estados e qualidades, tomados como seres. (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 191).

ISSN: 2358-8829

Nossa análise foi elaborada da seguinte forma: com base no livro *Práticas de Morfossintaxe*, de Inez Sautchuk (2010), *a Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Cunha e Cintra (2008), e Análise Linguística: afinal, a que se refere? De Bezerra e Reinaldo (2020), realizamos a análise dos substantivos relevantes presentes na obra. Para identificá-los, além de considerar o contexto expressivo do romance, utilizamos o método de acréscimo de sufixos como -inho(a), -zinho(a), -ão ou -zão. A partir desse processo, Sautchuk (2010) sugere que, se a palavra ficar "correta" gramaticalmente, ela é um substantivo. Recorremos a essa forma para identificarmos os substantivos na narrativa.

Essa escolha metodológica se aproxima da abordagem apresentada por Bezerra e Reinaldo, que propõem uma análise não superficial, mas sim linguística e reflexiva, compreendendo a utilização da língua como um fenômeno que deve ser observado criticamente em seus usos e sentidos.

> A prática de análise linguística assume um status teórico-metodológico: teórico, porque constitui um conceito que remete a uma forma de observar dados da língua, apoiada em uma teoria; metodológico, porque é utilizado na sala de aula como um recurso para o ensino reflexivo da escrita (Bezerra; Reinaldo, 2020, p. 42).

A partir dessa estratégia, foi possível identificar com mais clareza os substantivos e, por fim, classificar aqueles que são abstratos e de importância estrutural para a composição literária. Selecionamos, então, os substantivos que possuem relevância simbólica na narrativa — seja por sua recorrência, seja por sua singularidade, como no caso de termos que aparecem isoladamente em capítulos inteiros.

Nosso trabalho tem como objetivo destacar a obra *Tudo é rio* não apenas como uma construção literária de caráter ficcional, mas como uma narrativa complexa na elaboração de sentidos e conceitos/palavras. Esperamos que este trabalho seja apenas o início de um universo de investigações nessa linha, e, nesse sentido, propomos evidenciar como essa literatura popular dialoga com as regras e conceitos estabelecidos pelos teóricos da linguagem.

ISSN: 2358-8829

CONHECENDO A OBRA - UMA SÍNTESE DE TUDO É RIO

Tudo é rio é o primeiro romance de Carla Madeira, lançado em 2014. A autora, nascida em Belo Horizonte em 1964, é formada em Jornalismo e Publicidade. O conteúdo dessa obra contemporânea é atemporal: por meio de uma narrativa que flui como um rio, Carla nos conduz por uma história que revela tanto o pior quanto o melhor das pessoas. Trata-se de uma imersão no psicológico, na traição e no humanismo pecador que leva os personagens ao erro — e, ao mesmo tempo, à possibilidade do perdão.

Venâncio vive um drama profundo. Ele e Dalva eram considerados perfeitos um para o outro, envolvidos por um amor doce. No entanto, sua faceta muda com a chegada do bebê. Em um ataque de ciúmes doentio e macabro, ele acaba matando o próprio filho e espancando a esposa. Tudo se rompe — inclusive ele mesmo.

Dalva percorre a narrativa mergulhada em lamentos. Sua índole é frágil, assim como sua mente, que, após ser destruída por Venâncio, não consegue mais encará-lo. Ela sequer compartilha o ocorrido com a própria mãe, o que revela sua fragilidade emocional e o medo do julgamento social e familiar. Por isso, esconde seus sentimentos sob uma imensa tristeza e depressão, guardando segredos profundos.

Lucy é uma das personagens que conduzem a narrativa. Ela ficou órfã de pai e mãe muito nova, sendo criada pela tia Duca e pelo marido em um ambiente rígido e de forte religiosidade. Com esse peso, ela descobriu muito cedo o poder da sensualidade e decidiu se tornar garota de programa. No decorrer da narrativa, ela cruza o caminho de Dalva e Venâncio após uma grande tragédia familiar que destrói o casamento dos dois. Após isso trabalha em uma movida por uma sede de dominação. Quando é rejeitada, desenvolve um desejo obsessivo pela pessoa — foi assim com Venâncio. Ela adoeceu por ele, alimentando a ilusão de que era correspondida. Seu passado a moldou: desde jovem, percebia que, por meio do desejo e da sensualidade, podia conquistar tudo o que quisesse. Gostava de estar no controle, de ouvir os homens implorarem. Sentia ódio de Dalva — não apenas porque ela tinha Venâncio, mas por uma razão mais profunda e inexplicável. Lucy não compreendia exatamente por que a detestava tanto; havia algo em Dalva que a incomodava, talvez por representar aquilo que ela jamais conseguiria ser ou possuir plenamente.

ISSN: 2358-8829

Ao longo da obra, Carla Madeira constrói uma narrativa marcada pelo subjetivo. O romance, portanto, não se limita a uma leitura linear do seu enredo — ele exige uma interpretação que alcança a dimensão expressiva das palavras. Essa abordagem se aproxima do conceito de epilinguística desenvolvido por Bezerra e Reinaldo, que compreendem a linguagem também como experiência sensível e simbólica. “As ações epilinguísticas e metalinguísticas […] operam sobre os próprios recursos expressivos como objeto” (BEZERRA; REINALDO, 2020, p. 44). É o que veremos em nossa análise, a seguir.

ANÁLISE DOS SUBSTANTIVOS ABSTRATOS

a) **Dor**:

A palavra dor, usada isoladamente no capítulo 4, não é uma reapresentação vaga ou preguiçosa — pelo contrário, é cuidadosamente elaborada. Para a criação desse capítulo, a autora precisou atribuir peso a esse substantivo, por meio da violência previamente narrada. Dor conecta-se diretamente a Dalva, a mulher que sofreu as consequências do ciúme desenfreado de Venâncio. Ou seja, ela (Dalva) é um substantivo que também carrega o abstrato, afetando e ampliando o significado da palavra dor por meio da contextualização.

Vejamos, então, o início do capítulo 5, em que essa conexão se intensifica e a potência do substantivo abstrato dor se torna ainda mais explícita:

> Com a dor, o silêncio. Denso, ácido. Estagnado. Um silêncio de caco de vidro moído esfolando o corpo por dentro. Um Desesperar, nada por vir. Dalva parou de falar com Venâncio. Não olhou mais para ele, considerou que ele não estava mais vivo, ignorou sua presença. Nenhuma reação. Nem quando ele chorou, quando ficou sem comer, quando parou de se lavar, nem quando ameaçou morrer, nem quando mandou valente, cuspiu na cara dela, sugigou prometendo uma nova surra, jurando morte, morrendo esmagado pelo que não podia ser desfeito. Nada. Ele suplicou sincero, desamparado, e ela nem um olhar, nenhum perdão possível. (MADEIRA, 2021, p. 26).

A observação que fizemos é que Carla Madeira opta por uma escrita mais crua e fria. Isso provoca um impacto psicológico no leitor e desperta um sentimento de desprezo

em relação ao personagem. Quais são, então, os substantivos abstratos que geram esse efeito?

"Dor" é o núcleo e a única palavra presente no capítulo 4 uma escolha literária interessante, isso causa um impacto ao sabermos o contexto anterior a ele, esse processo enfatiza sua relevância narrativa e gramatical na construção de sentidos. Podemos identificá-la como substantivo, inclusive ao aplicar o sufixo -zinha — dorzinha —, técnica proposta por Sautchuk para reconhecimento morfossintático. No entanto, "dor" não é apenas um substantivo lançado ao acaso: é utilizado de forma abstrata para criar a imagem (ou cenário) da obra. Aqui, a dor ultrapassa seu sentido literal e se transforma em personagem. Ela se conecta organicamente à narrativa; não pertence apenas a Dalva, Venâncio ou Vicente — é de todos. Todos estão sentindo dor, e, simultaneamente, esse sentimento abstrato adquire a força de um ser único, capaz de ilustrar a cena sem que nada precise ser mostrado. O substantivo se torna, então, uma ponte entre o acontecimento e o leitor, sem a necessidade de uma recapitulação explícita dos fatos.

> A boca do neném buscava ansiosa o peito farto e úmido querendo sugar, engolir e ainda tão sem saber. O mamilo se dobrava passando na boquinha pequena, querendo ser pego por ela. Dalva se entregava a uma emoção única, da mais comovente ternura. O momento dela e do filho cegou Venâncio de uma absurda loucura. Ele arrancou o menino dos braços dela e jogou longe, bateu em Dalva, bateu, bateu. Espancou (MADEIRA, 2021, p. 22).

Este é o trecho em que ocorre a primeira conexão direta, marcando o momento mais emocional e intenso da obra, mas também uma amostra de que força física e psicológica estão interligadas no romance. A dor da agressão física machuca, porém se cura; no entanto, podemos ver que a dor psicológica na personagem a acompanha por toda a narrativa. Até porque o fato da violência contra si mesma não é o problema mais grave na visão da personagem, mas sim a violência sofrida por seu filho, causando um dano muito mais psicológico do que físico. Assim, esse substantivo desempenha o papel de retomar uma situação brutal e central para a narrativa.

Contextualizada a partir da narrativa e transformada pelas ações de Venâncio, essa palavra adquire novas camadas de significado. Ele, que outrora era um homem amoroso, passa a ser designado por substantivos de carga negativa: violento, ameaçador, escroto,

entre outros. A dor é a base da mudança do personagem — uma transformação irreversível. Tudo o que resta após suas ações é a dor, que passa a permear a existência de todos e se instala como elemento central da obra.

b) **Solidão:**

Na obra Tudo é rio, de Carla Madeira, ao analisarmos o substantivo abstrato "solidão", é possível compreender como esse sentimento colabora de forma profunda para o desenvolvimento dos personagens e da própria trama. Sua presença reforça não apenas a atmosfera emocional da narrativa, mas também as motivações internas de cada figura que compõe a história.

A identificação da palavra "solidão" como substantivo abstrato pode ser feita a partir do método proposto por Sautchuk. Ao adicionarmos o sufixo "-zinha" — formando "solidãozinha" —, evidenciamos seu caráter afetivo, subjetivo e não concreto. Esse tipo de formação confirma que se trata de uma palavra que expressa uma condição imaterial, sentida e intensamente vivida por sujeitos, mesmo que não seja fisicamente perceptível. Isso mostra que a solidão, como substantivo abstrato, pode sofrer modificações morfossintáticas que indicam grau, intensidade ou valor emocional.

No contexto da narrativa, a solidão é uma experiência sentida por Dalva e Venâncio de maneiras diferentes, mas igualmente profundas. Dalva, por exemplo, mergulha nesse sentimento após perder o Venâncio que conhecia — um homem carinhoso, presente, doce — que, após um surto de ciúmes, espanca a esposa e atira o próprio filho no chão. Aquele gesto destrói não apenas a imagem que ela tinha dele, mas também o vínculo afetivo entre ambos. Embora ele continue vivo, para Dalva, aquele Venâncio "morreu", restando apenas seu corpo físico. A partir daí, ela se fecha completamente: não o olha, não o dirige a palavra, e vive durante anos sob o mesmo teto em um estado de silêncio, dor e isolamento.

Venâncio é outro personagem que experimenta a solidão, mas de forma diferente. Tomado pela culpa de acreditar ter matado seu filho — fato que é ocultado por Dalva durante toda a narrativa, criando no leitor a dúvida se a criança havia realmente morrido —, o personagem permanece acreditando nisso ao longo da obra. Ele é ignorado por Dalva durante praticamente toda a história e carrega consigo o peso de suas próprias ações

ISSN: 2358-8829

e das perdas emocionais que isso acarretou. Perdeu o filho, a mulher e a si mesmo. Essa culpa o isola não apenas socialmente, mas também afetivamente. Sua solidão é existencial, marcada pela ausência de perdão e pela autodestruição silenciosa.

O impacto desse sentimento na narrativa é imenso. A solidão conduz a separação do casal, o distanciamento emocional entre eles e o silêncio prolongado que marca grande parte da obra. Embora ainda dividam o mesmo espaço, não dividem mais a vida: sete anos se passam sem que troquem sequer uma palavra, um olhar ou um gesto. Essa ausência de comunicação entre eles após o trauma central da história reforça a força simbólica da solidão. Trata-se de uma separação não física, mas emocional — que comove o leitor e o leva a refletir sobre os efeitos psicológicos da perda, da culpa e do abandono.

Como diz uma passagem significativa da narrativa: “Para quem está sozinho depois de ter amado, o fim do dia é muito triste” (Madeira, 2014, p. 26). A solidão em Tudo é rio não é apenas um estado, mas uma atmosfera. Ela molda os personagens, afeta suas ações, e determina o rumo da história. Carla Madeira apresenta esse sentimento como uma experiência universal, sentida de forma única por cada personagem, mas com igual profundidade. A solidão, em sua obra, não apenas fere, mas também revela: ela desnuda o humano, torna visíveis os vazios, e obriga cada personagem a confrontar a si mesmo.

c) **Puta**:

A palavra “puta” em *Tudo é rio* carrega uma complexidade própria. Inicialmente, podemos identificá-la como um substantivo concreto, já que se refere a uma pessoa que exerce uma atividade específica. Podemos confirmá-la morfossintaticamente aplicando o sufixo –inha putinha), conforme o método proposto por Sautchuk. No entanto, ao longo da narrativa, esse significado literal se desprende, abrindo espaço para camadas simbólicas: “puta” passa a representar um sentimento, um peso social, um estigma — e também um desejo, um objetivo que Lucy abraça.

O substantivo, nesse contexto, carrega julgamentos e preconceitos historicamente construídos. Lucy, por sua vez, parece não se importar com isso. Para ela, ser puta é, em certa medida, um lugar de prazer: ela gosta de ver homens rastejando por ela, sente-se poderosa ao exercer sua sedução. Dessa forma, Lucy representa a oposição ao sentido

pejorativo e restritivo da palavra. Ela resignifica o termo — não como submissão, mas como poder.

Contudo, “puta” também se converte em sentimento, estado emocional e até existencial. Em momentos da narrativa, Lucy sente vergonha desse nome — não por si, mas por seu filho, que poderá ser chamado de “filho da puta”, Podemos comprovar isso nesse trecho:

> Não queria que seu filho fosse filho da puta. Não queria. Pela primeira vez, por ele, e só por ele, teve vontade de ser outra coisa. Mas também não teve. Diabo! Essa era a encruzilhada, não conseguir ter certeza de que podia ser mãe, abrir mão de abrir as pernas por uma boa quantia, deixar de ser indecente aos berros, poder não ser exemplo. Tentar dar conta seria pouco, não conseguir depois de tentar seria muita ruindade com João, Preferia já não existir de cara. Queria essa bondade (MADEIRA, 2021, p. 153).

Assim, podemos observar que o substantivo ultrapassa sua função nomeadora e se transforma em um afeto contraditório que habita sua consciência, fragilizando-a.

Carla Madeira nos conduz a essa reflexão sem nunca precisar dizê-la diretamente. Ao iniciar o livro com a palavra “puta”, a autora quebra expectativas e desafia o leitor com um impacto inicial. A escolha não é gratuita: ela tensiona o valor simbólico da palavra e questiona o olhar simplista com que substantivos marcados socialmente são tratados.

d) **Ciúme**:

Esse substantivo é uma das bases da trama, sendo ele o responsável por construir e provocar as cenas mais marcantes e brutais da obra. Como de costume, podemos aplicar a teoria de Sautchuk, utilizando o sufixo -inho (ciuminho) para confirmar sua classificação. Esse sentimento abstrato está sempre presente em torno de Venâncio, desde o início do livro, quando ele manifesta ciúmes até mesmo do próprio filho, até momentos posteriores, em que se revela que esse sentimento já o habitava muito antes.

ISSN: 2358-8829

No entanto, não se trata de um ciúme em nível comum, mas de algo sombrio e horrendo, que permeava sua mente e o fazia entrar em fúria. Essa intensidade pode ser evidenciada no seguinte trecho:

> Não era um ciúme comum, daqueles que provocam cenas inflamadas, caras emburradas, atitudes intempestivas ou retiradas dramáticas. Era um ciúme calado, profundo, triste. Nas noites em que a casa se enchia de amigos dos irmãos de Dalva, Venâncio ficava sem lugar, vigiava os olhares o tempo inteiro. Não tinha sossego. Procurava a certeza de que tinha razão. Era como se tentasse se preparar para o pior ganhando em troca o consolo de não ser pego de surpresa: eu sabia, eu disse que ia acontecer (MADEIRA, 2021, p. 84).

É possível afirmar que Venâncio representa, com precisão extrema, a forma mais intensa e radical desse substantivo. Ele extrapola o seu sentido original, transformando o ciúme não apenas em incômodo, mas em um sentimento de dominação doentia.

Venâncio era excessivamente violento, irracional, agia sem necessidade de justificativas e perdia o controle com facilidade. Assim como Lucy ressignifica o substantivo “puta”, Venâncio intensifica o peso simbólico da palavra “ciúme”, carregando-a com um sentido mais obscuro e distorcido. Ou seja, ele é consumido pelo sentimento — e, ao mesmo tempo, modifica o próprio significado da palavra na narrativa, imprimindo nela sua marca pessoal e brutal.

COMO OS SUBSTANTIVOS ABSTRATOS SÃO UTILIZADOS NESSE CONTEXTO?

Para a construção e contextualização da cena, substantivos abstratos como ciúme, dor, culpa, raiva, entre outros, funcionam como âncoras emocionais na narrativa. À medida que Venâncio degrada essas emoções, ele perde substantivos que antes lhe eram atribuídos: marido, pai, homem amoroso. Substantivos que se desfazem a partir de suas próprias ações, contradizendo sua identidade e fazendo-a se esvair. Novos nomes passam a ser atribuídos ao seu ser — e, a partir disso, tem-se uma reconstrução do sujeito. Ele deixa de ser associado a substantivos positivos, como homem amoroso ou marido, e passa a ser nomeado com termos negativos: perigoso, ameaçador, ciumento, violento, agressor.

Trata-se da construção do substantivo a partir das ações cometidas e de como ele passa a ser referido ao longo da obra.

> A diferença, que é o código verbal, parece mover-se, no poema, em função da aparência-parecença. Esse aparecer é, a rigor, um parecer construído, de segundo grau; e a "semelhança" de som e imagem resulta sempre de encadeamento de relações, de modos, no qual já não se reconhece a mimese inicial própria da imagem […] Pre(dic)ar é admitir a existência de relações: atribuir o ser á coisa; dizer suas qualidades reais ou fictícias; de seus movimentos; de seus liames com outras coisas; referir o curso da experiência. Predicar é exercer a possibilidade de ter um ponto de vista […] Frases não são linhas. São complexos de signos verbais que se vão expandindo e desdobrando, opondo e relacionando, cada vez mais rastreados de som-significante. (Bosi, 2000 pág.31-36)

Na narrativa analisada, percebemos que Bosi conecta a gramática à interpretação. No início do romance, os substantivos que vamos analisar podem ser uma "casca vazia", mas, com o decorrer da narrativa, eles ganham significados inesperados. É através das sucessivas predicações no decorrer do discurso (o que o personagem faz, o que dizem dele, como ele se transforma) que esses sentidos se constroem. Isso também ocorre com os substantivos abstratos: eles se conectam com ações e pensamentos dos próprios personagens, criando um sentido único. As frases de um livro não são uma linha única; elas têm várias ramificações para criar imagens por meio das palavras. Assim, elas dialogam entre si e ressoam do início ao fim do texto para criarem sentidos novos de um substantivo abstrato já concebido pelo leitor.

Finalizando nossa breve análise, podemos afirmar que Tudo é rio não utiliza os substantivos apenas de forma gramatical, mas também linguística, estética e simbólica. A autora desenvolve os substantivos abstratos, ressignifica-os, amplia seus sentidos e os utiliza para nomear, designar aparências e atribuir contextos aos personagens. Eles não atuam apenas com seus significados convencionais, mas são reconstruídos a partir da narrativa e da carga emocional que carregam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste breve trabalho, pudemos observar que os substantivos podem se tornar mais do que aquilo que prescrecem as regras gramaticais. A troca de sentido de

uma palavra a partir de um contexto literário, a intensificação ou diminuição do significado de outra, a demonstração de como identificar substantivos de maneira simples — utilizando as orientações de Sautchuk —, o apoio na gramática normativa de Cunha e Cintra, as artimanhas narrativas de Carla Madeira em seu rio chamado romance e a exploração do abstrato em constante transformação: todos esses elementos foram reunidos em uma análise não rígida, mas sentimental, sem abandonar, contudo, a razão crítica..

Os substantivos abstratos são, em sua essência, sentimentais — assim como a escrita de Carla Madeira —, e a gramática deve ser compreendida não apenas como um conjunto de normas, mas como um instrumento capaz de nos ajudar a desembaraçar dúvidas e, por vezes, a trazer algumas certezas.

Concluímos que os substantivos abstratos em *Tudo é rio*, de Carla Madeira, operam como elementos centrais na construção da subjetividade dos personagens e na tessitura simbólica da narrativa. Palavras como “dor”, “solidão”, “puta”, “amor” e “ciúme” ultrapassam sua função denotativa e ganham espessura dramática e estética, configurando-se como âncoras emocionais e discursivas. Assim, reafirmamos que, como um rio, a linguagem flui entre o gramatical e o simbólico — e é nesse fluxo que se forma a literatura.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, M. A.; REINALDO, M. A. **Análise linguística: afinal, a que se refere?** 2. Ed. Recife: Pipa Comunicação; Campina Grande: EDUFCG, 2020.

BOSI, A. **O ser e o tempo da poesia.** 6. Ed. São Paulo: Editora Schwarcz, 2000.

CUNHA, C. CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo.** 4. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MADEIRA, C. **Tudo é rio**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.

SAUTCHUK, I. **Prática de morfossintaxe: como e por que aprender análise (morfo) sintática**. 2. ed. São Paulo: Manole, 2010.